

A PARÁFRASE LINGÜÍSTICA

- Equivalência, sinonímia ou reformulação? -

*Catherine Fuchs (C.N.R.S.)**

Tradução de João Wanderley Geraldi

O termo "paráfrase" aparece na literatura lingüística por volta dos anos 60 em função do triplice desenvolvimento e pesquisas: em matéria de tratamento automático de textos; do estudo sistemático das relações entre frases (gramáticas transformacionais) e do alargamento das preocupações semânticas (da palavra ao enunciado).

Resultado destas influências convergentes: a paráfrase é hoje constantemente invocada em lingüística; mas o emprego comum do termo mascara, de fato, importantes divergências na própria concepção do fenômeno.

A paráfrase é uma noção difícil de precisar, tanto na teoria quanto na prática; ela pode, de fato, ser objeto de uma série de caracterizações opostas:

- é um dado imediato da consciência lingüística dos locutores (saber uma língua é poder produzir e identificar frases como "tendo o mesmo sentido"), mas é também o produto das construções teóricas dos linguistas (o número e a natureza das paráfrases descritas é função direta do modelo de referência);
- é uma atividade lingüística dos sujeitos (um trabalho de interpretação e de reformulação), mas é também o objeto lingüístico resultante desta atividade (o enunciado ou o texto que reformula o outro);
- é uma relação entre um enunciado ou texto-fonte e sua(s) reformulação(ões) efetiva(s) numa situação dada (dimensão "sintagmática" da cadeia do discurso), mas é também uma relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes na língua (dimensão "paradigmática" do sistema da língua).

Para tentar fazer um rápido "point" da questão, nós examinaremos as três principais fontes históricas de que se alimenta a reflexão lingüística contemporânea em matéria de paráfrase: a perspectiva lógica da equivalência formal, depois a

* Publicado em Le Français dans le Monde, nº 178, julho de 1983, p.129-132. Agradecemos à autora pela autorização para publicar este trabalho, em língua portuguesa, em nossos Cadernos de Estudos Lingüísticos.

perspectiva gramatical da sinonímia e finalmente a perspectiva retórica da reformulação.

1. A paráfrase como equivalência formal entre frases

Em lógica, duas proposições são ditas "equivalentes" se elas têm o mesmo "valor verdade" (isto é, se elas são conjuntamente verdadeiras ou falsas), e há regras que permitem estabelecer a equivalência entre certas proposições.

Damos alguns exemplos, ilustrados com a ajuda de enunciados lingüísticos: Todos os homens são mortais = Não há nenhum homem que não seja mortal; É necessário que ele venha = Não é possível que ele não venha; Eu partirei = Eu não ficarei ; Ou eu me engano ou você já esteve aqui = Se eu não me engano, você já esteve aqui; Ele dirige melhor do que eu = Eu dirijo menos bem do que ele.

Se alguns linguistas retomam diretamente estas regras de equivalência lógica para encontrar nelas as condições de realização lingüística da paráfrase (cfe. R. Martin, Inferência, antonymie et paraphrase, Klincksieck, 1976), outros ao contrário insistem nas dificuldades e limites de tal abordagem da paráfrase: a noção de "valor verdade" se aplica com dificuldade aos enunciados da língua, e a perspectiva lógica conduz a um desconhecimento da especificidade do sentido, sobre o qual repousa o funcionamento lingüístico da paráfrase.

Contudo, mesmo quando recusam o critério da identidade de valores de verdade, os lingüistas formais retomam da lógica a idéia fundamental de tratar a paráfrase em termos de equivalência: duas paráfrases são formalmente equivalentes na medida em que elas compartilham uma propriedade comum. Trata-se então de estabelecer as famílias de enunciados que, em língua, são equivalentes, isto é, de que o linguista pode descrever o parentesco sintático e que ele postula terem "o mesmo sentido". Exceção feita à escola de Harris, a maior parte destes linguistas formais estabelece as famílias de paráfrases sobre a base de uma derivação de enunciados equivalentes a partir de uma fórmula abstrata comum, que se considera representar as relações gramaticais profundas e, portanto, a constância semântica, partilhada por estes enunciados (cfe. a "estrutura profunda" da gramática gerativa). O protótipo da paráfrase lingüística é, nesta perspectiva, a relação entre frases ativas e passivas (Paulo comprou a casa = A casa foi comprada por Paulo) ou a relação entre conversas (Pedro vendeu a casa a Paulo = Paulo comprou a casa de Pedro).

Esta abordagem da paráfrase em termos de equivalência formal se defronta com dois tipos de problemas: a consideração do léxico e o impacto semântico das operações de derivação.

Entre a escola de Harris, que pretende estudar a paráfrase com base na constância lexical, isto é, trabalhando exclusivamente com variações de ordem sintática (ex.: João é difícil de contentar = Contentar João é difícil = É difícil contentar João) e a corrente da semântica gerativa, que investe na equivalência entre lexicalização e gramaticalização (ex.: Paulo cortou o pão com uma faca = Paulo utilizou uma

faca para cortar o pão; João matou o gato = João fez o gato morrer), toda uma série de posições intermediárias são possíveis, visando considerar a diversidade de construções sintáticas equivalentes de uma mesma unidade lexical. Por exemplo, a equipe de Gross (A porta abre com esta chave = Esta chave abre a porta; Paulo seduziu Maria = Paulo foi o sedutor de Maria; Os insetos tomaram conta do jardim = O jardim está in festado de insetos).

Derivando enunciados estruturalmente aparentados a partir de uma mesma fórmula de partida, o linguista pode optar por operações de derivação de efeito semântico variável ou ainda sem alteração semântica ou de efeito semântico nulo. No primeiro caso, a relação de paráfrase é secundária: os enunciados parafrásticos não constituem senão um subconjunto dos enunciados estruturalmente equivalentes, já que da mesma fórmula se derivam tanto a afirmação quanto a negação (Paulo comeu a maçã/Paulo não comeu a maçã), tanto o ativo quanto o passivo (Paulo comeu a maçã/A maçã foi comida por Paulo); é conveniente, então, determinar, entre as operações de derivação, aquelas que não modificam o sentido, isto é, que engendram paráfrases. No segundo caso, ao contrário, a paráfrase é central, já que as operações de derivação não mudam o sentido. Historicamente, os transformacionalistas (tanto Harris quanto Chomsky) adotaram sucessivamente cada um destes dois pontos de vista.

2. A paráfrase como sinonímia de frases

A reflexão sobre a sinonímia lexical é antiga; desde a Antiguidade os gramáticos têm se interrogado sobre a relação de sinonímia entre palavras: identidade verdadeira de sentido ou somente proximidade semântica, qualificável em termos de semelhanças e diferenças? Dependendo da época, uma das duas concepções prevaleceu: concepção quantitativa (na língua, são abundantes as palavras que têm o mesmo sentido) ou concepção qualitativa (a língua instaura sutis diferenças semânticas entre as chamadas sinonímias, que se traduzem em diferenças de emprego).

A mesma posição se reencontra, na linguística contemporânea, a propósito da paráfrase: a abordagem estritamente sintática da paráfrase repertoria todas as estruturas parafrásticas (sem se interrogar sobre a natureza semântica do fenômeno, e se contentando com a idéia intuitiva de uma (certa) "identidade de sentido"), ao passo que diversas abordagens semânticas posteriores (semântica gerativa, semânticas formais) se esforçam em qualificar no plano da significação aquilo que as paráfrases têm em comum e aquilo que as diferenciam.

Os clássicos definiam a sinonímia lexical em termos de identidade de "idéia principal" e de diferenças de "idéias acessórias" (assim, a terra é para o lavrador um solo que se cultiva; para um jurista, um território submetido à jurisdição; e para o soldado ou engenheiro, um terreno suscetível de suportar fortificações - exemplo de Vangelas). No mesmo sentido, os semanticistas contemporâneos concordam em caracterizar a paráfrase em termos de identidade de um núcleo semântico de partida (ti

po "significado de base" comum, correspondendo mais ou menos ao esquema proposicional/asseverado) sobre o qual vêm se enxertar semantismos diferenciais, que modulam diversamente o núcleo de partida (tipo "significados secundários" variáveis). Assim para Martin (op. cit.) que toma a paráfrase ao mesmo tempo do ponto de vista da equivalência lógica e da sinonímia semântica, as paráfrases têm necessariamente o mesmo "sentido lógico", mas podem divergir quanto ao "sentido topicalizado" (João vendeu a casa a Paulo/Paulo comprou a casa de João) ou quanto ao "sentido linearizado" (sens linearisê) (Do meu ponto de vista, ele não é especialmente simpático/Ele não é, do meu ponto de vista, especialmente simpático/Do meu ponto de vista, ele não é especialmente simpático, do meu ponto de vista), ou ainda quanto ao "sentido focalizado" (João está mal/É João quem está mal) ou ainda podem divergir quanto ao "sentido conotativo" (Roubaram minha motocicleta/Levaram minha máquina).¹

Esta abordagem da paráfrase como sinonímia de frases se defronta com dois tipos de problemas: a qualificação das semelhanças e diferenças semânticas, e a presença da idéia intuitiva de identidade de sentido na consciência lingüística dos locutores.

O fenômeno da sinonímia (entre palavras ou frases) repousa, em definitivo, sobre a possibilidade de pontos de vista diferentes, de conceptualizações múltiplas, a propósito de um mesmo referente: é a estabilidade do referente que autoriza postular um núcleo semântico comum, enquanto que a diversidade de pontos de vista sobre este referente dá origem às diferenças semânticas secundárias. Contudo, a identidade referencial constitui uma condição necessária, mas não suficiente, da sinonímia: pode-se referir a um mesmo objeto ou a um mesmo estado de coisas de modo semanticamente divergente, e até contraditório (designar Vênus como estrela da manhã ou estrela da tarde; qualificar um mesmo acontecimento como milagre ou catástrofe). É, pois, o sentido denotativo de base (e não somente o referente denotado) que deve ser idêntico. Nesta perspectiva sinonímica, opõem-se, então, o sentido à referência, a denotação às conotações, o semantismo de base aos semantismos secundários: sob formas diversas, é sempre a idéia de um núcleo "duro", objetivo (segundo os autores, falar-se-á em identidade de "conteúdo informacional", de "sentido cognitivo" ou "sentido lógico"), para além das variações subjetivas julgadas menores (e qualificadas, segundo o caso, de "estilísticas", "enfáticas", "conotativas"...).

Entretanto, estas variações ditas subjetivas estão longe de ser insignificantes. Se as diversas paráfrases possíveis entre as quais o enunciador opta para representar um certo acontecimento constituem soluções equivalentes do ponto de vista da referência e da significação denotativa, não resta dúvida de que sua escolha é pertinente; o sujeito manifesta seu domínio das sutilezas da língua utilizando com conhecimento de causa uma formulação ou outra, conforme a situação. Neste sentido, cada enunciado pertencente a uma família parafrástica é sempre um entre outros, e único. Reencontra-se aqui uma versão moderna do "esprit de finesse" caro aos clássicos: consideradas as nuances semânticas pelas quais se diferenciam muitas expressões sinônimas, julga-se sempre que uma destas expressões, numa circunstância dada, convém melhor que

todas as outras ("Há lugares onde é necessário chamar Paris de Paris e outros onde é necessário chamar de Capital do reino", dizia Pascal).

Um segundo problema: se a idéia de uma identidade pura e simples de sentido se revela insuficiente para uma análise precisa do fenômeno sinonímico, ele funciona, no entanto, em um certo nível do qual o linguista também deve dar conta, como dado imediato da consciência dos locutores: duas expressões sinônimas são espontaneamente veiculadas como "tendo o mesmo sentido" e como mutuamente substituíveis numa situação de comunicação dada; considerados o contexto (lingüístico) e a situação (extra-lingüística) que filtram alguns valores das expressões, o enunciador pode momentaneamente considerá-las como semanticamente idênticas, isto é, apagar as diferenças em proveito só das semelhanças. Inversamente, as diferenças semânticas entre duas expressões sinônimas podem ser vistas, num contexto e numa situação dada, como muito importantes para permitir este processo de identificação semântica e de substituíbilidade; assim, ainda que as conversas sejam tidas como um dos exemplos típicos de paráfrase lingüística, parece difícil substituir Maria, que considera a generosidade como um sinal de fraqueza, lamenta que João tenha emprestado um terno a Pedro por Maria, que considera a generosidade um sinal de fraqueza, lamenta que Pedro tenha recebido emprestado um terno de João.

As duas abordagens da paráfrase, em termos de equivalência formal ou de sinonímia semântica têm como ponto comum tratar a paráfrase como uma relação virtual na língua, e não como uma relação atualizada no discurso, ou seja, como uma propriedade intrínseca de grupos de enunciados, abstração feita a toda consideração sobre a prática lingüística concreta dos sujeitos. Isto repousa sobre o postulado de um duplo consenso da parte dos falantes: de um lado, o consenso sobre o estabelecimento da significação dos enunciados (assinalado um sentido imanente aos enunciados, inscrito no sistema da língua e suposto uniformemente decodificado por todos os sujeitos); de outro lado o consenso sobre o estabelecimento da relação de paráfrase entre enunciados (também assinalada como uma relação estável, inscrita na língua, e uniformemente manuseada por todos os sujeitos). A este custo, o linguista pode predizer a relação de paráfrase, isto é, enumerar e descrever de um lado todos os enunciados interparáfrásticos e de outro todos os enunciados não interparáfrásticos, tratando estes dois conjuntos como estáveis, homogêneos e mutuamente disjuntos.

3. A paráfrase como reformulação

A tradição retórica e literária têm, desde sempre, abordado a paráfrase no plano do discurso, como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-secundo. A paráfrase (intra-língua) se assemelha, aqui, à tradução (inter-línguas), e a consideração de parâmetros ligados ao locutor e à situação particular de discurso é explícita: é o estudo dos tipos de reformu

tações a adotar em função do contexto e das circunstâncias que constitui, aqui, o objetivo.

É nesta linha que se podem inscrever diversas abordagens da paráfrase conduzidas nas perspectivas enunciativas, discursivas e pragmáticas. Estas abordagens levantam três tipos de questões, que nós resumiremos brevemente (para uma apresentação desenvolvida, ver C. Fuchs, La Paraphrase, P.U.F. 1982).

Em primeiro lugar, a reformulação parafrástica repousa sobre uma interpretação prévia do texto-fonte. Ora, o trabalho de interpretação é variável, segundo os sujeitos e as situações: cada um "percebe" e, conseqüentemente, restaura o texto de modo diferente. Estas divergências se devem não só à ambigüidade intrínseca de algumas expressões, mas também e sobretudo à multivocidade inerente a todo texto (as operações de construção de enunciados comportam sempre uma margem de "jogo", donde os deslocamentos, os deslizamentos e as diversas ponderações na decodificação), à pluralidade de níveis de decodificação (um enunciado pode ser tomado em seu sentido literal, ou em outro registro: litotes, antifrase, metáfora, modo de dizer outra coisa, de perguntar alguma coisa, etc.), enfim, à diversidade de graus de exigência semântica segundo as situações de decodificação (percepção de um "sentido global", de uma leitura ou de uma escuta mais ou menos apressada).

Em segundo lugar, a reformulação parafrástica consiste em identificar a significação do texto-fonte assim reconstruída àquela do novo texto (ele também interpretado pelo enunciador no momento mesmo em que ele o produz como paráfrase). Identificação sempre momentânea, (válida num contexto e numa situação particulares) e frãgil (já que resulta de um "apagamento" de diferenças) e por isso a possibilidade de polêmicas ("mas isto não é o que quer dizer o texto (ou seu autor)"): da identidade semântica impossível à alteridade manifesta, se estende um continuum sobre o qual os sujeitos estabelecem limites de tolerância variáveis. A paráfrase oscila, assim, entre a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação.

Enfim, a reformulação parafrástica se traduz por formas características de emprego metalingüístico da linguagem (exemplo: X, quero dizer Y; X e Y signifi cam a mesma coisa; X, em outras palavras Y; ...). Alguns discursos atestam desta maneira cadeias de reformulações explícitas que podem ser objeto de uma análise lingüística (ver o nº 53, 1982, de Langue Française, consagrada aos discursos de vulgarização).

Numa tal perspectiva, o problema é, então, articular a língua e o discurso, o sistema e seu emprego, determinando aquilo que, da interpretação e da reformulação, permanece previsível (predictible) para o linguista. Hoje, esta é, sem dúvida, a questão mais importante da lingüística face aos problemas semânticos.

NOTA

1. Exemplos em francês, da autora, relativamente ao "sentido conotativo": On m'a volé ma bicyclette/On m'a piqué ma bécane. Nota do tradutor.